



**A INSTÂNCIA DA LETRA NO INCONSCIENTE OU A RAZÃO DESDE FREUD
LETTER FROM THE BOARD IN THE UNCONSCIOUS OR REASON SINCE
FREUD**

Hélder Sousa Santos¹

RESUMO: O texto resenhado foi escolhido por tratar do complexo tema da *letra* em Lacan. Com a presente resenha, não se pretende, porém, forjar ou mesmo tentar arrancar do autor um conceito para *letra*, uma vez que ao se questionar sobre como esta deveria ser tomada, Lacan chega a responder dizendo nada mais que *muito simplesmente, ao pé da letra* (LACAN, 1998, p. 498). Contrariamente, pela leitura do texto, fica, sim, patente o esforço lacaniano por buscar apontar todo o funcionamento do inconsciente, dando continuidade às descobertas de Freud em psicanálise.

Palavras-Chave: Inconsciente. Letra. Psicanálise.

ABSTRACT: The text chosen was reviewed by dealing of the complex issue of the *letter* in Lacan. This review is not intended, however, forge or even try to extract the author a concept for *letter*, just because when he answer about how it should be taken, Lacan comes to answer saying nothing that simply *at the foot of letter* (LACAN, 1998, p. 498). Differently, by the reading of the text stay patent the lacanian's effort to check point all the workings of the unconscious, giving continuity to the discoveries of Freud in psychoanalysis.

Keywords: Unconscious. Letter. Psychoanalysis.

O texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* é fruto de uma exposição de Lacan, em Soborne, na França, precisamente em maio de 1957. Nesse momento, o autor foi solicitado a um debate pelo grupo local de filosofia da Federação dos Estudantes de Letras, onde diz ter se sentido à vontade para sua exposição.

Já de início, em uma espécie de preâmbulo, Lacan fala da sua posição em relação ao tema de que irá tratar, colocando-o *entre o escrito e a fala* (LACAN, 1998, p. 496); não sendo aquele um escrito que se justifica simplesmente pela prevalência do texto, todavia, algo assumido pelo seu valor de discurso.

Após esse momento inicial com seu interlocutor, a apresentação do assunto segue dividida em três momentos que precisam ser pensados no movimento de continuidade em que

¹ Mestrando em lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.
helder_sousa@terra.com.br



cada um se faz. Esses momentos, divisões do texto são nomeados por Lacan pelas formas seguintes: (i) *O sentido da letra*; (ii) *A letra no inconsciente* e (iii) *A letra, o ser e o outro*. Em cada uma dessas seções, é patente o esforço lacaniano por dar continuidade às descobertas de Freud sobre o inconsciente, fazendo acréscimos que servem para conduzir discussões sobre a natureza e sobre o funcionamento da linguagem. Daí, ser necessário também, realizar um percurso pela lingüística, sobretudo em Saussure e Jakobson, ambos lingüistas que se interessaram pelo estudo da estrutura da linguagem. Vale destacar que essa volta a tais autores, ou melhor, a busca por um vínculo entre lingüística e psicanálise serviu para endossar os feitos de Lacan, contudo, sem reduzir esta àquela e vice-versa.

Em (i) *O sentido da letra* o que se vê é um empenho insistente do autor por cuidar daquilo que, a partir de Freud, a experiência psicanalítica passou a se interessar, no caso, o inconsciente. Já nas linhas iniciais dessa seção do texto, Lacan se coloca a questionar sobre como deve ser tomada a letra no inconsciente, respondendo que *muito simplesmente, ao pé da letra* (LACAN, 1998, p. 498). Essa asserção, a seu modo, serve como tentativa lacaniana de marcar uma posição singular do termo letra (e não mais que isso, sem querer reduzir a fala lacaniana ao nada, pois em momento algum conseguimos arrancar uma definição do que seja letra em seu texto). Das intenções do autor sobre o lugar do termo letra em seus escritos, verificamos mais isso: *designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem* (LACAN, 1998, p 498), que corrobora o que anteriormente acabamos de elucidar acerca da posição lacaniana em matéria da *letra*.

Com efeito, esse gesto de definição da letra aponta para uma outra questão que Lacan persegue em seu texto e que consegue dar contornos bem mais definidos, tratando-se, pois, do lugar da letra no inconsciente. Já no título de sua exposição a que estamos nos aludindo aparece com o uso do termo "instância" o desejo lacaniano por deixar sobressair que algo ameaça acontecer em breve: a letra. Dessa forma, a letra passa a assumir posição dominante nos achados de Lacan como elemento autônomo, dotado de valor diferencial que se articula na/à estrutura de linguagem.

Parece evidente aqui que, ao nomear sua reflexão sobre linguagem, Lacan, sem dúvida alguma, quis trazer importantes aspectos ainda não desenhados em outras teorias de até então. Nisso, o texto lacaniano, exemplarmente em sua parte inicial, propõe-se a uma reflexão sobre o que falta em Saussure, estudioso quem deu à linguagem *status* de objeto científico.

Então, Lacan, sentindo necessidade de regressar aos estudos estruturalistas e



interpretá-los, para que melhor configurar aquilo que Freud descobriu — o inconsciente e os mecanismos de funcionamento — viu em Saussure e Jakobson uma orientação para entender a relação linguagem e inconsciente.

Com efeito, os estudos lacanianos começam por retomar as premissas fundamentais da lingüística saussuriana, com intuito de aplicá-las às necessidades do “achado” inconsciente (este considerado como linguagem a partir de Freud). Assim, Lacan, associando o estatuto de linguagem ao inconsciente, apostou na possibilidade de fazer emergir aí a temática da letra, sem que se pudesse impedi-la, por constituir o núcleo fundamental de qualquer linguagem (Cf. PEREIRA, 2005, p. 13).

Ciente disso, a investigação lacanianiana iniciou-se alterando o algoritmo que serviu para fundar a disciplina lingüística. Nesse caso, trata-se de nova formalização do algoritmo saussuriano para o conceito de signo lingüístico que trazia a diferença significado (s) sobre o significante (S), ambos separados por uma barra, a barra da significação (s/S).

De modo diferente, Lacan, ao questionar a arbitrariedade do signo e afirmar que tal distinção primordial está muito além do debate que toca a noção de arbitrariedade em Saussure, elabora uma nova teoria, dando primazia ao significante, já que este tem outro valor que não se limita a suportar um significado, (S/s).

Para chegar a essa formulação, o autor questiona, em primeiro momento, a partir de uma ilustração de uma árvore, seguida do nome *ÁRVORE* bem acima desta, o debate nominalista que via uma relação biunívoca entre o nome e a coisa no mundo — atitude assim errônea, segundo ele. Novamente, uma outra ilustração de duas portas em que constam os dizeres *Homens e Mulheres* e o exemplo de irmãos que viajam de trem e que após a imobilização deste discutem se chegaram a *Homens ou Mulheres* corroboram a tese do autor que argumenta *se é realmente ali que convém ver o significante*. (LACAN, 1998, p. 503)

Constatações assim nos permitem aqui deduzir que o significante está isolado do significado como uma letra, um traço ou uma palavra simbólica desprovida de significação, porém, determinante, como função, para o discurso ou o destino do sujeito — sujeito esse denominado por Lacan de *sujeito do inconsciente*, representado pelo significante, ou ainda, por uma cadeia de significantes, sempre e, portanto, articulado (Cf. ROUDINESCO, 1998, pp. 709-710).

Ainda sobre o algoritmo lacaniano — que é pura função do significante — convém tratar da separação que a barra da significação impõe ao significante e ao significado. Essa barra usada por Lacan, segundo Pereira (2005, p. 19), tem como objetivo *demonstrar que nenhum significado*



pode ser agrafado a um significante (o significante árvore, por exemplo, não é representante jamais do significado); isto, uma vez mais, justifica aqui o incessante deslizamento do significado sob significante. Quanto ao significado podemos dizer que é dependente da articulação com outros significantes (teoria do valor em Saussure). Com isso, o signo passa a não representar nada, nem significado, nem referente, mas unicamente significante. (Cf. PEREIRA, 2005, p. 21)

Frente à noção de significante, Lacan argumenta que este *só pode operar por estar presente no sujeito* (LACAN, 1998, p. 508) O sujeito, dessa forma, está preso a uma única estrutura, ao significante e, pois, passa a sujeito do significante que é capaz de emergir pela linguagem. Vez outra, assim sendo, comprova-se que o deslocamento operado por Lacan do esquema saussuriano em “A instância da Letra...” dá supremacia do significante, fornecendo este posição de primeiro, algo atuando autonomamente. Conseqüentemente, o significado passa a ser efeito do significante. (Cf. FLORES, 1999, p. 162)

Depois de destacada a função significante em sua argumentação, Lacan, ciente de que a obra de Saussure não forneceria todas as possibilidades para uma sensata leitura do inconsciente freudiano, acrescenta dois elementos à teoria que vinha compondo aos poucos: a metáfora e a metonímia. Antes, porém, ele retoma Jakobson — quem destacou a estrutura bipolar da linguagem com a qual o falante realiza dois tipos de atividades, a de seleção (na função metafórica) e a de combinação (na função metonímica) — a fim de formular sua hipótese do inconsciente (Cf. ROUDENESCO, 1998, p. 710). Para tais atividades, Jakobson afirma se tratarem das mesmas leis do sonho destacadas em Freud que regem o inconsciente. Nas mesmas circunstâncias acima descritas, encontramos, respectivamente, mecanismos de condensação e de deslocamento para a linguagem.

Por sua vez, na segunda parte do debate de Lacan intitulada (ii) *A letra no inconsciente*, o texto passa explorar esses dois mecanismos aduzidos acima — explicitando-os, por meio de fórmulas, as quais (conforme o autor) servem para ilustrar a incidência do significante no significado — que desempenham atividades significativas no trabalho do sonho, uma vez que o mesmo é verdadeiro se observarmos que a análise do sonho freudiano é senão uma tentativa de esclarecer as leis do inconsciente em sua extensão mais geral. (Cf. LACAN, 1998, p. 518).

Dessa passagem retomada dos escritos lacanianos, encontramos — a partir da fórmula que define o seu algoritmo advindo da lingüística de Saussure (S/s) — três outras fórmulas: a primeira uma fórmula geral em que Lacan coloca mais detalhadamente a questão do significante então descoberto; a segunda, que formula a questão da metonímia e a terceira, que,



também, formula uma questão para a metáfora. Há uma barra espessa que separa o significante do significado e que ganha pertinência em Lacan, tendo em vista esses processos de elaboração do inconsciente.

A transposição da barra, para Lacan, é condição essencial da função do sonho que acontece segundo esquema definido pelo deslizamento do significado sob o significante. (Cf. PEREIRA, 2005, p. 32). Tal operação implica dois mecanismos do inconsciente: a metáfora (condensação) e a metonímia (deslocamento).

Já que o inconsciente é causa para o discurso do sujeito, ele nos permite ver que há sempre um termo (I) que impõe resistência ao significante, sem, com isso, permitir se chegar ao significado. A explicação disso se faz por uma outra fórmula matemática do tipo: $f(S) 1/s$.

Insistentemente, o elemento (1) prossegue com sua interferência, o que, em decorrência dessa ação, implica os mecanismos da metáfora e da metonímia. No caso da metáfora, a fórmula $(S'/S) S = S (+) s$ fornece a chave para uma função de substituição de um significante por outro, por meio da qual o sujeito passa a ser representado. Já para a metonímia, a fórmula $f(S...S') S = S (-) s$ traduz a função de conexão dos significantes entre si com a supressão do significado. (Cf. ROUDENESCO, 1998, p. 711). Esses processos, desde Freud, foram expostos, sendo, pois, ambos responsáveis para que o inconsciente assumira estrutura de linguagem.

Na seqüência, o texto ocupa-se da função sujeito. À maneira de Lacan, este está no ponto crucial (Cf. LACAN, 1988, p. 519) de suas discussões. O autor parte, nesse caso, do cogito cartesiano *Penso, logo existo (cogito ergo sum)*, para se fazer lembrar do conhecimento do sujeito moderno introduzido nesses dizeres por Descartes. Retornando Descartes, o discurso lacaniano situa o lugar do sujeito, em função da articulação significante atribuída a ele (e que, sem suspeita alguma, o constitui). Porém, vale ressaltar que o sujeito inconsciente não sabe que sabe: *penso onde não sou, logo sou onde não penso* (LACAN, 1988, p. 521), enquanto o sujeito da ciência é um sabedor.

Lacan, assim, consegue dizer da noção de sujeito obrigatória à ciência moderna como estratégia. Contudo, depois de aceitar que há um lugar ocupado pelo homem no centro do universo, decorre a dúvida: o lugar ocupado pelo sujeito do significante, em relação ao que é ocupado pelo sujeito do significado, será ele concêntrico ou excêntrico?

Responde o próprio Lacan argumentando que:

Não se trata de saber se falo de mim de conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim sou idêntico àquele de quem falo. E não há aqui

Hélder Sousa Santos



nenhum inconveniente em fazer intervir o pensamento. (LACAN, 1988, p. 520)

Desse modo, confirma-se a excentricidade do sujeito que o situa unicamente como sujeito da linguagem. Sujeito esse sempre visto na relação com a cadeia de significantes onde ele opera e, por conseguinte, *um ser da letra* (PEREIRA, 2005, p. 49).

Já em parte final, (iii) *A letra, o ser e o outro*, Lacan sente-se interpelado e se pergunta se o que pensa em seu lugar seria um outro eu. Disso, o autor constata que para compreender a presença do *outro* em mim é preciso que esse *eu* se situe num lugar intermediário capaz de permitir enxergar o próprio desdobramento do mim comigo mesmo como também com o semelhante. Completa acrescentando ser *o inconsciente o discurso do Outro*. (LACAN, 1998, p. 529). Nessa relação entre o ser e o outro emerge o sujeito da linguagem, portanto.

Enfim, observamos o quanto Lacan consegue perscrutar as descobertas psicanalíticas trazidas por Freud (sem interrompê-las) e, também, expor, avessamente, o que foi formalizado no algoritmo saussuriano que legitimou cientificamente a estrutura da linguagem.

As investigações lacanianas atestam, assim, um estruturalismo diferente do propriamente dito, ao compreender o sujeito como efeito da estrutura da linguagem. Se a respeito do conceito de letra nada pudemos formular, isso se deu por não haver pistas suficientes que nos permitissem defini-la como desejaríamos. O que sabemos até aqui é que a letra (nesse contexto laciano resenhado) está para algo que remete a outro(s) significante(s) (a letra é algo que está para aquilo que é capaz de fazer barreira, obstáculo impedindo que este(s) significante(s) não se harmonize(m)).

Podemos, porquanto, dizer que o texto "A instância da letra..." confirma a descoberta freudiana do inconsciente, criando meios formais de responder cientificamente pelo funcionamento da linguagem humana enlaçada ao sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORES, Valdir. *Linguística e psicanálise*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PEREIRA, Paulo Jorge Viera. A instância da letra na obra de Jacques Lacan. Braga: Universidade do Minho, 2005. Dissertação de mestrado em estudos franceses. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho>>. Acesso em: 21 out. 2009.



ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.